

A linguagem musical na geografia escolar: o pagode baiano como recurso na prática educativa

Eduardo Oliveira Miranda¹, Hellen Mabel Santana Silva²

Resumo

Este trabalho visualiza a música como fator determinante e determinado pela cultura na qual ela é elaborada e, nessa perspectiva, possui como objetivo principal relatar a experiência ocorrida em uma turma do 9º ano do ensino fundamental. Para trabalhar a temática urbanização com enfoque nos problemas socioambientais, foi desenvolvida uma metodologia que utilizou a música para compreender o mundo-vivido dos educandos, posto que a valorização da realidade permite investigar de que forma eles percebem e concebem o fazer geográfico. Trabalhou-se a música “Firme e forte” do grupo de pagode baiano Psirico, por ela representar, segundo os educandos, os problemas sociais explícitos em sua localidade, o município de Feira de Santana-BA. Portanto, esse relato de experiência está fundamentado em uma proposta que prioriza a narrativa (auto)biográfica que permite ao autor rememorar a sua experiência profissional. Com base nas discussões apresentadas, conclui-se que a produção musical tem a capacidade de influenciar e agregar sentimento de pertencimento a determinadas condições socioespaciais.

Palavras-chave

Geografia Escolar. Música. Narrativa (Auto)Biográfica.

1. Doutorando em Educação na Universidade Federal da Bahia, membro do grupo de pesquisa Artes do Corpo: Memória, Imagem e Imaginário na Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: eduardomiranda48@gmail.com.

2. Mestra em Desenho, Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana, membro do grupo de pesquisa Educação e Relações Étnicas: Saberes e Práticas de Legado Africano, Indígena e Quilombolas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: hellenmabelss@gmail.com.

Musical language in geography: “pagode baiano” as a resource for educational practice

Eduardo Oliveira Miranda*, Hellen Mabel Santana Silva**

Abstract

Music can be a determiner of culture or it can determine by the culture in which it is created. Based on this statement, the main goal of this paper is to describe an experience carried out in a 9th grade class. To discuss urbanization issues with focus on socio-environmental problems, a method that used music to better understand the students' world was developed. By valuing their reality, it can be investigated how they perceive and conceive geographical roles. We asked the students to bring to the classroom songs that encompassed the socio-spatial problems of where they lived (Feira de Santana, state of Bahia, Brazil). According to them, the song “Firme e forme”, by Psirico, a group of *pagode*, typical from the region they lived, represented the explicit social problems in their region. Therefore, this experience report is based on a proposal that prioritized the (auto)biographical narrative. Based on the discussions presented in this report, we concluded that the songs influence and add a sense of belonging to certain socio-spatial conditions.

Keywords

Geography. Music. (Auto)Biographical Narrative.

* PhD student in Education, Federal University of Bahia, state of Bahia, Brazil; member of the following study group Arts of the Body: Memory, Image and Imaginary at State University of Feira de Santana, state of Bahia, Brazil. E-mail: eduardomiranda48@gmail.com.

** MSc in Design, Culture and Interactivity, State University of Feira de Santana, state of Bahia, Brazil; member of the study group Education and Ethics Relations: Knowledge and Practice of African, Indigenous and Quilombola legacy at State University of Southern of Bahia, state of Bahia, Brazil. E-mail: hellenmabelss@gmail.com.

Introdução

A musicalidade brasileira desperta interesse em cientistas de várias áreas do conhecimento, com destaque para a Antropologia e a Etnomusicologia, áreas que analisam os aspectos culturais envolvidos na produção musical, principalmente, por valorizar as diversidades regionais do país.

Os estudos sobre a Etnomusicologia iniciaram-se em 1950, com a abordagem de Jaap Kunst³. Com o passar dos anos, outros autores se debruçaram sobre esse campo, ampliando as análises sobre a importância da música e sua relação com os sujeitos. No entanto, a construção de um conceito universal acerca da categoria etnomusicologia não foi concretizada. Neste trabalho, adotaremos a definição proposta por Merriam (1964), que, em seus estudos, afirma, inicialmente, que Etnomusicologia é uma área que estuda a música na cultura e, posteriormente, se ampliou para a música como cultura.

Nessa perspectiva, visualizamos a música como fator determinante e determinado pela cultura na qual ela é elaborada. Partindo desse entendimento, buscamos relatar a experiência ocorrida no ano de 2013, em uma escola da rede estadual no município de Feira de Santana, Bahia, em que foram desenvolvidas atividades no componente curricular de Geografia com uma turma do 9º ano.

Na escola relatada, o plano de curso anual estava estruturado em quatro unidades, sendo que a terceira discutia Urbanização. Nesse sentido, decidimos elaborar uma prática pedagógica com temática interdisciplinar entre a Geografia e a Etnomusicologia. A proposta teve como enfoque os problemas socioambientais encontrados nos centros urbanos, a partir da análise de algumas músicas, sobretudo, as composições que ressaltassem a estrutura da localidade onde os educandos desenvolvem

suas atividades sociais ou, como define Almeida (2008, p. 35), o “mundo-vivido”:

O mundo-vivido seria, portanto, tudo aquilo que se desenvolve no espaço geográfico formado pelas pessoas, pelos objetos, pelas relações intersubjetivas e com as coisas, as instituições, os fluxos que levam mercadorias, ideias, pessoas, informações.

A valorização da realidade dos educandos proporciona investigar de que forma os elementos culturais são evidenciados na música e, além disso, como ela pode ser entendida como cultura. Portanto, este relato de experiência está fundamentado em uma metodologia que prioriza a narrativa (auto) biográfica, que permite aos presentes autores rememorar a sua experiência profissional. Seu propósito é apresentar o desenvolvimento e os resultados alcançados com a prática docente com destaque para o projeto educacional intitulado “Musicando o meu mundo”, o qual objetivou trazer para a sala de aula elementos sonoros participantes do cotidiano dos educandos. Tal proposta, até então, não fazia parte do currículo da escola e, de certa forma, provocou uma afetividade inédita, posto que os jovens educandos perceberam que a música, atrelada às bases de informações geográficas, consegue romper a barreira entre o espaço escolar e o mundo vivido externamente.

Interdisciplinaridade entre a geografia cultural e a etnomusicologia

A Geografia Cultural e a Etnomusicologia exploram o estudo da cultura humana e as suas implicações no desenvolvimento das ações sociais. Antes de analisarmos a interdisciplinaridade entre essas áreas do

3. Histórico apresentado por Queiroz (2004) em seu texto “Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música”.

conhecimento, é imperativo falar sobre cultura⁴.

O conceito de cultura derivava do conceito de natureza. Historicamente, o conceito é oriundo do rural e provoca a dialética entre o artificial e o natural. A ideia de cultura está ligada a de liberdade, bem como a de faculdades superiores e inferiores do ser. Enquanto indivíduos detentores de capacidade autorreflexiva, nos diferimos da natureza por ser possível a autorreinvenção⁵.

A palavra “cultura” possui uma gama de significados, provenientes dos interesses de ciências distintas, o que impossibilita uma definição única acerca do conceito. Tomando por base o senso comum, cultura compreende as manifestações de hábitos e valores de um povo que são perpetuados historicamente. Tal concepção segue o pensamento de Kupper (2002, p. 288) que aborda cultura como

Uma questão de ideias e valores, uma atitude mental coletiva. As ideias, os valores, a cosmologia, a estética e os princípios morais são expressos por meio de símbolos e, portanto – se o meio é a mensagem – cultura pode ser descrita como um sistema simbólico. Os antropólogos americanos também salientam que esses símbolos, essas ideias e esses valores aparecem numa gama de formas quase infinitamente variável.

No entanto, a cultura pode ser também pensada enquanto dimensão humana originária, que implica na singularidade do despertar, do criar e do fazer; como um lugar de interdeterminação do que ainda não é, em termo, definitivo. Na verdade, a cultura dos alunos na escola pode ser pensada como uma substância de múltiplos fluxos, sentidos, matérias e expressões.

Sendo assim, a cultura pode ser compreendida como um conjunto de mediações simbólicas (língua, leis, regras, mitos etc.) entre

sujeito e mundo e que tem por elementos fundadores, como elucidada Sodré (1999, p. 46):

O céu (ideais, horizonte de ação), a terra (espaço, território), o movimento (trabalho, dinâmica de ação e transformação), investidos de modo diferente, segundo a particularidade dos modos como cada formação ética ou humana aborda a complexidade do real.

Caminhando nessa perspectiva, cultura pode ser compreendida como o modo pelo qual o sujeito mobiliza as diferenças culturais para tocar no real, sendo um jogo de disputa, uma metáfora que se constitui no apreender o singular. A cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação, produção, circulação e consumo da vida social, materializando-se em repertórios de níveis e classificações diversas com os quais nós, definitivamente, entramos em contato. Existem fluxos de intensidade vividos pelo sujeito com vários vetores de múltiplas forças:

A cultura é um vazio positivo, uma ideia de unidade, mas ideia forte o bastante para levar à invenção tanto de representação de identidade quanto de alteridade. Na prática, o que experimentamos de uma cultura é a variedade de repertório, onde se embatem simbolizações, hábitos e enunciados. (SODRÉ, 1999, p 46).

Assim, situamos a cultura dos alunos na escola como processo que se conjetura no campo intenso de política e poder no qual são estabelecidos os sujeitos.

A cultura tornou-se a força pedagógica por excelência, sua função como uma condição educacional mais ampla para o aprendizado é crucial para a aplicação de formas de alfabetização dentro de diferentes esferas sociais e institucionais pelas quais as pessoas definem a si mesmas e sua relação com o

4. Indicamos a obra “Cultura: um conceito antropológico” do autor/pesquisador Laraia (1997) como um excelente material referente ao estudo do conceito de cultura.

5. Inferência representada por Kroeber (1949) presente na obra de Laraia (1997).

mundo social. A relação entre a cultura e a pedagogia, nesse caso, não pode ser abstraída da dinâmica da política e do poder. (GIROUX, 2003, p. 19).

Nessa complexidade de relação intrínseca entre cultura e escola, o uso do pagode como dispositivo pedagógico é uma alternativa atrativa, pois abarca o universo do lugar de vivência dos educandos.

Narrativas (auto)biográficas: a rememoração como suporte ao relato de experiência

Voltar ao passado – e rememorar vivências, pessoas, sentimentos e uma série de experiências – pode ser extremamente prazeroso, a depender das lembranças e dos significados. Um momento de perceber o processo de desenvolvimento do sujeito social, assim como as ações que constituíram as identidades e subjetividades partilhadas na vivência.

O ato de evocar lembranças do passado mais recente ou de um passado distante é desafiante, já que as recordações evidenciam as nossas subjetividades, sobretudo do ponto de vista de um trabalho que aborda as narrativas autobiográficas, no qual as memórias revelam a nossa forma de agir, sentir, visualizar e perceber o mundo, nossa ação profissional e pessoal. Santos (2004, p. 59) destaca que “lembranças registradas, histórias revisitadas, partes de memórias ganham vida não apenas em nossa cabeça, mas em todo o nosso ser.”

As narrativas têm o poder de expressar a cultura dos sujeitos envolvidos na investigação em educação musical e geográfica. Além disso, permite que grupos historicamente subalternizados tenham direito de se expressar e ter a sua existência reconhecida. Neste trabalho, nos apropriamos da definição de narrativas apresentada por Domingos (2011, p.127):

As narrativas são formas mais ou menos organizadas, escritas ou orais, de expressão do pensamento humano; de algum modo, elas dão sentido e significado a acontecimentos (experiências) que se viveram, que se vivem ou que se esperam vir a viver. Neste sentido, pode dizer-se que as narrativas são de natureza eminentemente pessoal e subjetiva.

Dessa forma, apresentamos nosso relato profissional, que serve de temática no desenvolvimento deste trabalho. Antes de apresentar a narrativa, faz-se necessário diferenciar *vivência* e *experiência*. Esses dois termos são quase que interdependentes, porque toda experiência é considerada como vivência, porém nem toda vivência transforma-se em experiência. Para Josso (2004, p. 48), uma vivência se converte em experiência “a partir do momento que fazemos certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido”. Por esse prisma, a experiência é memória, pela capacidade de recordar e evocar – que constitui um enriquecimento de saberes –, assim como pela presença do passado em nossas ações.

A diferenciação apresentada possibilitou enquadrar o relato de formação profissional como uma experiência. A interdisciplinaridade entre a Geografia e a Etnomusicologia possui um caráter ambicioso, justamente pela condição de ser algo inovador, mas que, na visão dos autores, é plenamente possível.

Por dentro do “Musicando o meu mundo”: afetos, percepções e construções geográficas

As discussões estabelecidas pelo projeto “Musicando o meu mundo” foram divididas em três procedimentos: 1) apresentar os problemas urbanos de Feira de Santana; 2) identificar músicas que retratem os problemas urbanos; 3) construir um painel com políticas de intervenção urbana.

Dos pontos listados, o segundo item foi

o mais inusitado, tendo em vista o fato dos 38 alunos terem escolhido a mesma canção, nesse caso, “Firme e forte”⁶, do compositor e intérprete Marcio Vitor, vocalista da banda de pagode baiano Psirico:

Na encosta da favela tá difícil de viver / E além de ter o drama de não ter o que comer / Com a força da natureza a gente não pode brigar / O que resta pra esse povo é somente ajoelhar / E na volta do trabalho a gente pode assistir / Em minutos fracionados a nossa casa sumir / Tantos anos de batalha junto com o barro descendo / E ali quase morrer é continuar vivendo / Êee chuá chuá, ê chuá chuá / Temporal que leva tudo, mas minha fé não vai levar / Êee chuá chuá, ê chuá chuá, Oh, meu Deus, daí-me força pra outra casa levantar / Eu tô firme, forte / Nessa batalha / Eu tô firme, forte / Não fujo da raia [...].

De início, nos questionamos o porquê daquela música ter sido escolhida por todos. Por mais que ela evidenciasse a realidade de muitas cidades brasileiras, não poderia ser empregada no município em questão, já que a geografia de Feira de Santana é desprovida de morros, o que impede que as favelas tenham a mesma característica geomorfológica e visual encontrada em Salvador-BA ou no Rio de Janeiro-RJ, cujas localidades possuem um relevo mais modelado.

Dessa forma, decidimos questionar aos educandos o motivo que os impulsionou a

escolher aquela música. A resposta foi simples:

Professor, aqui não tem morro, mas toda vez que chove o nosso bairro alaga, as casas são invadidas pela água e perdemos tudo que tinha dentro de casa ⁷.

Entendemos que essa fala, associada à música “Firme e Forte”, é justificativa maior do que diversas produções textuais acerca da interdisciplinaridade existente entre a Geografia Cultural e a Etnomusicologia. Acessar a trajetória do aluno é extremamente relevante para essas duas áreas do conhecimento, visto que conhecer o educando permite um planejamento pedagógico que propicia uma modificação na estrutura social. Conforme Queiroz (2004, p. 105), “partir da realidade cultural dos alunos não significa ficar nela”.

Imbuídos do nosso plano de trabalho, demos continuidade às discussões e solicitamos aos educandos que trouxessem imagens elucidativas da realidade dos seus bairros. Essa ação intentou dar corpo visual aos trechos da música supracitada. Dessa forma, realizou-se uma pesquisa em bancos de dados virtuais na tentativa de encontrar fotografias contemplativas, as quais foram impressas, expostas e problematizadas em sala (Figuras 1, 2 e 3):

6. Letra e áudio da música disponível em: <<http://letras.mus.br/psirico/1568164/>> Acesso em: 13 jul. 2012.

7. Fala extraída durante algumas aulas, as quais tiveram o seu desenvolvimento gravado com o auxílio de um aparelho digital.

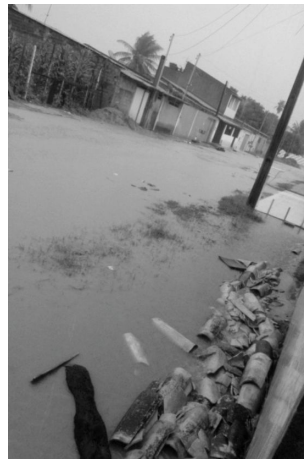
Figuras 1, 2 e 3 - Ruas alagadas em Feira de Santana-BA.



(1)



(2)



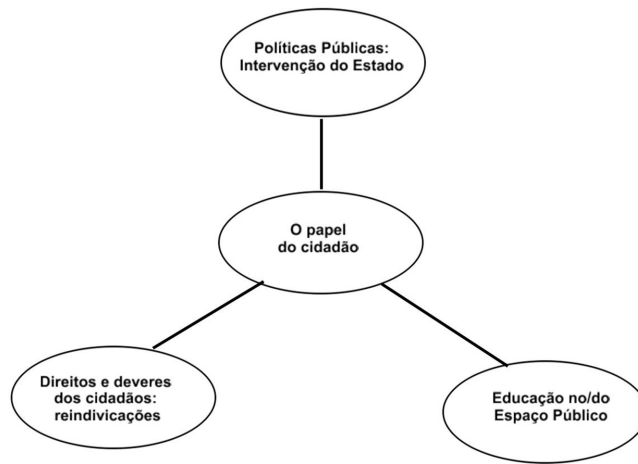
(3)

Fonte: <https://deivissonlopes.wordpress.com/2014/07/23/feira-de-santana-ou-feira-de-alagados/>.

A partir das imagens trazidas pelos educandos é que se intensificaram os debates sobre os problemas de urbanização, bem como a discussão sobre de que forma as políticas públicas podem interferir na melhoria das vidas dos cidadãos. Contudo, tivemos a preocupação de destacar o papel dos habitantes da cidade,

tanto no que tange aos cuidados com o espaço público quanto na reivindicação dos seus direitos sociais. Nesse ínterim, a confecção do painel com políticas de intervenção urbana abarcou uma gama de ações de cunho político, social, cultural e educacional, como podemos observar na diagramação (Figura 4):

Figura 4 – Painel com políticas de intervenção urbana.



Fonte: Os autores (2013).

Construir o painel se constituiu em um momento de constante aprendizado, visto que os educandos tiveram a oportunidade de entender de que forma podem ter os seus direitos e deveres assegurados pelas leis. Além disso, constataram que a música escolhida por eles apresenta uma complexidade sociopolítica muito mais ampla do que a reproduzida cotidianamente por eles.

A relação do sujeito com o seu lugar de vivência⁸ influencia na sua produção cultural, bem como na música como cultura ou na cultura presente na música. A composição de Marcio Vitor representa um estilo musical desprestigiado socialmente e que é predominante nos bairros marginalizados de Feira de Santana, onde o pagode⁹ expressa o cotidiano daqueles indivíduos. Mais uma vez, ao relacionar a Geografia Cultural e a Etnomusicologia, constatamos que é possível trabalhar com essas duas linhas. Ambas reforçam o interesse de conhecer a realidade

cultural dos sujeitos envolvidos no processo educativo e, a partir dele, propor modificações sociais significativas.

Considerações finais

Com base nas discussões apresentadas neste relato de experiência, concluímos que o estudo sobre cultura é de grande valia para duas áreas da ciência, a Geografia e a Etnomusicologia, as quais aparentemente estão totalmente distantes, mas que, na análise em nossos estudos, se perfazem como áreas complementares, uma vez que a produção musical tem a capacidade de influenciar e agregar sentimento de pertencimento a determinadas condições socioespaciais.

Entendemos que, na construção de um relato de experiência, faz-se necessário o processo de ir e voltar ao passado e rememorar algumas

8. Equivalente a expressão “mundo-vivido”.

9. Nascimento (2008, p. 2) afirma que: “o termo genérico ‘pagode’ remete a uma rede de significados histórico-culturais originário do samba e dos batuques de herança africana no Brasil. Enquanto estilo musical refere-se às suas várias facetas, tendo em vista que esse gênero sofreu modificações ao longo do tempo na música popular brasileira e caracteriza-se como um produto cultural hibridizado situado entre o local e o global”.

vivências e experiências, o que justificou a aplicação do método narrativo (auto)biográfico. Esse processo foi indispensável na elaboração da presente produção textual, visto que as lembranças dos sujeitos foram afloradas.

A música cria um ambiente lúdico e ao mesmo tempo crítico acerca da realidade analisada. Foi muito interessante perceber que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelos educandos, as aulas representaram um momento de expressar e expor a história de vida de cada um. Histórias que se entrecruzam,

perfazem os mesmos caminhos e anseios.

Por fim, constatamos que os educadores precisam conhecer e se aproximar do mundo-vivido pelos educandos. Paulo Freire (1982) já afirmava que a valorização do vivido é a chave principal para a libertação dos indivíduos. Essa afirmativa se relaciona com os estudos de Queiroz (2004), um etnomusicólogo, bem como as análises da geógrafa Almeida (2008). Para eles, a vivência dos discentes provoca os temas geradores das aulas, as quais devem enfatizar a transformação social.

Referências

ALMEIDA, M. G. Algumas reflexões sobre cultura, território e mundo-vivido na abordagem da geografia cultural. **Revista Geonordeste**, São Cristovão, n. 2, p. 125-142, 2008.

DOMINGOS, F. Narrativas biográficas na formação inicial de professores de matemática: reflexões a partir de um olhar retrospectivo. In: SOUZA, E. C. de. (Org.). **Memória, (auto)biografia e diversidade: questões de método e trabalho docente**. Salvador: EDUFBA, 2011.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo, SP: Cortez, 2004.

KUPPER, A. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru: EDUSC, 2002.

LARAIA, R. B. de. **Cultura: um conceito antropológico**. 11. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

MERRIAM, A. P. **The anthropology of music**. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

NASCIMENTO, C. G. Piriguetes e putões: representações de gênero nas letras do pagode baiano. In: FAZENDO GÊNERO: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: < http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST55/Clebemilton_Gomes_do_Nascimento_55.pdf> Acesso em: 13 jul. 2012.

QUEIROZ, L. R. S. Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, p. 99-107, mar. 2004.

SANTOS, S. F. dos. Memórias, histórias de vida, imagens. In: CIAVATTA, M; ALVES, N. (Org.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004.

SODRÉ, M. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

Submetido em 30 de agosto de 2014.

Aprovado em 24 de dezembro de 2014.